



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JÉSSICA INOCÊNCIO DOS SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CASINHAS/PE**

**CAMPINA GRANDE
2019**

JÉSSICA INOCÊNCIO DOS SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CASINHAS/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof. Ms. Nathália R. Morais

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Jessica Inocencio dos.

Relato de experiências no ensino de geografia na escola pública do município de Casinhas/PE [manuscrito] / Jessica Inocencio dos Santos. - 2019.

24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Nathália R. Moraes, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Relato de experiência. 3. Recurso didático. 4. Estratégia didática. I. Título

21. ed. CDD 372.89

JÉSSICA INOCÊNCIO DOS SANTOS

RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CASINHAS/PE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
Licenciatura em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 06/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Nathália Rocha Morais
Prof. Ms. Nathália Rocha Morais (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josandra Araújo Barreto de Melo
Prof. Drª Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Marta dos Santos Buriti
Prof. Ms. Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais Maria Valdenice e
Cosmo, por todo amor e incentivo, DEDICO.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	04
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	06
2.1.	A importância do aprendizado geográfico no ensino fundamental.....	06
2.2.	O uso de alternativas didáticas: um novo olhar para o ensino de Geografia.....	08
3.	METODOLOGIA.....	09
3.1.	Caracterização do espaço da pesquisa e do público-alvo.....	09
3.2.	Caminhos percorridos para o desenvolvimento das atividades.....	12
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
5.	CONSIDERAÇÕES.....	22
6.	REFERÊNCIAS.....	24

RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CASINHAS/PE

Jéssica Inocêncio dos Santos¹
Nathália R. Morais²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar experiências desenvolvidas na abordagem dos conteúdos geográficos em turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Luiz Ventura, localizada na comunidade Lagoa de Pedra, município de Casinhas-PE. A discussão proposta justifica-se mediante a necessidade premente da reflexão sobre as práticas desenvolvidas no âmbito da disciplina, as quais devem primar por um aprendizado mais significativo e prazeroso para o aluno. A partir de estudo de caso, foram propostos caminhos alternativos que possibilitassem a dinamização das aulas e a maior articulação entre as escalas local-regional-global dentro dos assuntos estudados. Para tanto, foram usados recursos didáticos como filmes, vídeos, literatura de cordel, Google Earth e maquetes, por meio da concepção de uma disciplina voltada para as transformações dos lugares com os quais se relacionam o educador e o educando. Os resultados obtidos a partir da implementação das ações planejadas mostraram-se bastante positivos, tendo em vista a crescente participação dos alunos nas aulas e na construção de um conhecimento geográfico mais concreto no qual eles passaram a se perceber como agentes geográficos atuantes nas transformações espaciais.

Palavras-chave: Relato de Experiência, Ensino de Geografia, Estratégias Didáticas, Linguagens.

ABSTRACT

This article aims to report experiences in addressing geographic contents in classes of 6th and 7th grades of elementary school at Luiz Ventura Municipal School, located in Lagoa de Pedra community, Casinhas-PE. A proposed discussion is justified by the use of a pressing need for reflection on practical practices within the subject, which should primarily be more meaningful and enjoyable learning for the student. From the case study, alternative ways were presented that allow the classes to be energized and greater articulation between the local, regional and global scales between the studied subjects. For that, didactic resources were used, such as movies, videos, string literature, Google Earth and models, through a discipline focused on the transformations of the places with which they relate, educate or educate. The results obtained with the implementation of the planned actions are quite positive, given the greater participation of students in the classes and the construction of a more concrete geographical knowledge, in which they are perceived as geographic agents that act in spatial transformations.

Keywords: Experience Report, Geography Teaching, Didactic Strategies, Languages.

¹ Aluna do curso de graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jessicasantos38@live.com

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, Professora Substituta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. E-mail: nathalia_rochamorais@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia no espaço escolar é observado pela grande maioria dos alunos como um aprendizado sem significado e distanciado de sua realidade. Assim, repensar as práticas desenvolvidas para a abordagem desses conteúdos tem se mostrado no cenário educacional como uma necessidade constante e de grande relevância. Todavia, para isso é necessário entender um pouco sobre os caminhos históricos percorridos por esta área do conhecimento e que refletem os estigmas atribuídos a ela.

No Brasil, o ensino de Geografia passou por muitas mudanças desde da sua implantação no Colégio Imperial D. Pedro II no século XIX. Neste período, a Geografia como disciplina era pautada apenas na descrição do território, restringindo-se a alguns aspectos físicos da natureza. Conforme Straforini (2001, p. 104), o que havia era um estudo totalmente dissociado entre os aspectos naturais e as relações estabelecidas entre a sociedade, era como se em nada o ser humano intervisse no espaço a sua volta, o objetivo era a abordagem de uma Geografia neutra.

Dessa forma, era uma disciplina meramente descritiva e superficial, seguindo o mesmo modelo europeu, que desconsiderava as contradições existentes na sociedade. Havia pouca importância na compreensão do espaço geográfico, resumindo-se a decorar nomes de países, rios, mares, lagos, ou seja, apenas os aspectos naturais da paisagem.

Esse modelo de ensino considerado bastante “tradicional” predominou por muitos anos, e ainda pode ser identificado atualmente no espaço escolar. Na constituição introduzida em 1934, o ensino primário tornou-se gratuito com frequência obrigatória. Diante desse fato, a Geografia deixa de ser voltada apenas para a classe dominante, pois outras classes menos favorecidas passam a ter acesso ao ensino. Porém, continuava priorizando as descrições da natureza, dando pouca ênfase às transformações que o homem realizava sobre a mesma.

A formação de professor tinha forte influência da Geografia francesa, como mostra Andrade (1987, p.83). “[...] o governador Armando de Sales Oliveira convidou vários professores franceses para virem exercer o magistério na nova universidade. ” Esse relato mostra a colaboração dos franceses durante a implantação do curso de Geografia nas universidades brasileiras, e a influência das doutrinas de La Blache. Andrade (1987, p.84). “Estudos de Pierre Deffontaines sobre o Brasil e de Pierre Mombeig, em ensaios e em teses, mostram bem a aplicação da doutrina lablachiana”.

A partir dos anos 70 surge um novo paradigma na Geografia, essa ciência toma um rumo diferente com a Geografia crítica, empenhada com a função transformadora do professor e da sociedade. Segundo Andrade (1987), essa área do conhecimento abandonava gradativamente o modelo clássico de abordagem caminhando na busca por novos métodos, passando a questionar e criticar a Geografia Tradicional, caracterizadas pela memorização e descrição.

Apesar de propor inovações para o ensino da disciplina, é possível perceber que diversos professores de Geografia continuam reproduzindo elementos da prática docente com os mesmos padrões estabelecidos pela Geografia tradicional, fato que conduz à permanência da reprodução dos conceitos presentes nos livros didáticos.

Pensar sobre a Geografia, nesse contexto, suscita questionamentos sobre os objetivos e a função social da escola e do ensino da Geografia. Sendo necessário romper com este modelo tradicional e despertar para a formação de cidadãos no âmbito social.

É incontestável a importância social que o professor desempenha, tanto no que se refere ao ser educador, quanto o desenvolvimento social que integra e constitui o papel de mediador do aluno da realidade do desempenho social. Contrapondo com forma já consolidados de ensinamentos, o processo de ensino – aprendizagem conduz a uma educação de novos saberes e modos diferenciados. Cavacanti (1998, p. 20). “O ensino de Geografia, assim,

não deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte deles.” Assim, o educador precisa trabalhar a percepção da realidade do aluno, motivando a compreender o espaço geográfico.

Para motivar os alunos é imprescindível uma relação boa entre professor-aluno. É necessário que o aluno perceba o interesse do professor sobre si, conseqüentemente influenciará em sua dedicação nas tarefas de aprendizado. Ele é motivado pelo professor, pois se não darmos a atenção necessária, desmotivamos, é preciso entender que todos os alunos são importantes.

Neste sentido, este trabalho tem como principal objetivo relatar experiências desenvolvidas no ensino de Geografia, problematizando a relação da teoria à prática. As turmas envolvidas foram do 6º e 7º anos da Escola Municipal Luiz Ventura, localizada em Lagoa de Pedra, zona rural do Município de Casinhas PE. Este recinto atende alunos da creche, fundamental anos iniciais e anos finais nos turnos manhã e tarde.

As atividades foram desenvolvidas a partir de aulas ministradas no exercício profissional da docência em turmas dos sextos e sétimos anos da referida escola. Inicialmente, fez necessário elaborar um planejamento que se adequasse a maneira e comportamento dos educandos, entre as quais passam por uma dinâmica escolar que constitui referenciais que aproximar-se da realidade vivida em sala de aula. Diante disso, foram empregados os seguintes recursos; mapa temáticos com análise e interpretação, software Google Earth, através de imagens aéreas gravadas e tiradas dos locais de vivência dos educandos, maquetes do sistema solar e literatura de cordel, como forma criativa e dinâmica de aprender os conteúdos.

Mediante a utilização desses recursos no ensino de Geografia, o resultado foi bastante significativo, pois facilita no processo de aprendizagem, produzindo elementos para reorganizar o saber a partir do espaço de vivência do aluno, ao mesmo tempo, desperta o prazer em aprender tais conteúdos contribuindo para libertar do modo tradicional. Cumprindo o objetivo, em que a práxis realmente atinja a proposta de ensino da disciplina Geografia na formação do aluno.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A importância do aprendizado geográfico no ensino fundamental

A discussão sobre o ensino de Geografia neste trabalho foi pautada nas turmas do 6º e 7º anos do ensino fundamental. Os anos finais do ensino fundamental representam o momento primordial para ampliar os conhecimentos geográficos, visto que, nos anos iniciais, ocorre apenas uma introdução da disciplina Geografia.

A importância da disciplina Geografia no ensino fundamental remete à formação de cidadão críticos, capazes de compreender os desdobramentos sociais, uma vez que essa ciência faz o indivíduo reconhecer o espaço e estruturar suas relações. Conforme Sacramento (2010, p.5): “O papel atual da Geografia escolar é fazer com que o aluno compreenda os fenômenos geográficos espacializados em seu cotidiano, permitindo-lhe localizar-se e perceber tais transformações”. Esse modo de pensar dialeticamente, voltado para os lugares com os quais se relacionam o educador e o educando, possibilita uma compreensão sob a perspectiva da dinamicidade que permeia o processo ensino- aprendizagem. A Geografia fornece meios para elucidações que contemplem a expectativa da aprendizagem, conforme expõe Castrogiovanni (2000):

O processo de ensino-aprendizagem supões um determinado conteúdo e certos métodos. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem

é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas as construções do conhecimento por esse sujeito ativo (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 92-93)

Descrevendo paisagem, como algo bonito, como uma cachoeira, floresta e rios e quadro de paisagem pintada. No entanto, apresentam riquezas relacionada a alguns conhecimentos prévios sobre o espaço vivido, e, algumas habilidades de localização.

Sendo assim, o professor de Geografia tem a missão de unir o saber científico com os conhecimentos prévios do aluno que, por sua vez, constroem e reconstruem os seus saberes a partir da relação com o seu cotidiano. Conforme Cavalcanti (2010);

O aluno poderá adquirir ferramentas intelectuais que lhe permitam compreender a realidade espacial que o cerca na sua complexidade, na sua multiescolaridade, nas suas contradições, por meio da análise de sua forma/conteúdo, de sua historicidade. Compreendendo o mundo, e também o seu lugar, como uma espacialidade, o aluno terá convicção de que aprender elementos do espaço é importante para entender o mundo e seu lugar, na medida em que ele é uma dimensão construtiva da realidade, e estará, com isso, mais motivado para estabelecer com os conteúdos apresentados uma relação de cognição, colocando-se como sujeito do conhecimento (CAVALCANTI, 2010, p.47)

Para que o ensino de Geografia no ensino fundamental mostre resultados satisfatórios é essencial dar significado para os conteúdos estudados pelo aluno, incluindo-o como parte da ação, como agente geográfico fundamental do processo de produção e reprodução do espaço geográfico. Nessa perspectiva, é essencial buscar desenvolver uma prática pedagógica que leve o educando ao reconhecimento da realidade local, e relacionando o seu lugar com o contexto global social.

Cabe destacar que, a organização dos conteúdos de Geografia destinada a cada ano do ensino básico ocorre de forma ao encadeamento das ideias necessárias à construção do conhecimento geográfico, apresentando a finalidade de que os alunos compreendam a importância desse saber para o cotidiano. Nesse cenário, espera-se que o professor desempenhe seu papel de mediador do processo, buscando caminhos que viabilizem tal aprendizagem.

Os conteúdos geográficos tendem a colaborar para a formação do indivíduo, pois: Callai (1999, p.34) “É inegável que o professor precisa de uma carga de informações, de conteúdo, para ter condições de realizar o seu trabalho, mas também é imprescindível compreender como fazer o trato desses conteúdos em sala de aula no Ensino Fundamental e Médio. ”

Nesse sentido, o papel do professor vai além de transmissor de ideias e conhecimentos. Ele deve buscar desenvolver estratégias que levem a aprendizagem e a natureza do conhecimento, podendo assim, complementar, construir conceitos e visões de determinados assuntos.

Para isso, é necessário compreender como se dá a formação do aluno, observando suas visões acerca dos conteúdos de Geografia, escutar e levar em consideração a opinião da classe também é muito importante para a prática educativa. Mas isso depende da relação professor-aluno. Desse modo, o professor tem que manter uma boa relação com todos os seus alunos, sem esquecer nenhum, motivando para obter excelentes resultados, só que os alunos precisam responder, pois nem tudo depende do professor, visto que a falta de interesse na crianças e jovens também é fator que dificulta a aprendizagem.

2.2 O uso de alternativas didáticas: um novo olhar para o ensino de Geografia

Pensar sobre a educação, a escola e o ensino de Geografia é refletir sobre a necessidade de novas *práxis* baseadas no conhecimento e no exercício da aprendizagem, pois a escola, apesar de avanços, ainda reproduz meios que fazem parte do sistema político e econômico atual em nossa sociedade, tornando-se contraditória e excludente. A primazia da educação deve ser a transformação do educando em um ser crítico, capaz de realizar suas escolhas e se posicionar nas diferentes questões sociais, ao mesmo tempo em que desenvolve suas habilidades e os seus interesses.

Sendo assim, a didática é responsável por mostrar o caminho a percorrer, por meio dos métodos e das técnicas que levem a aprendizagem e a natureza do conhecimento. Nessa perspectiva, “A didática tem por objetivo o ‘como fazer’, a prática pedagógica, mas este só tem sentido quando articulado ao ‘para que fazer’ e ao ‘por que fazer’” (Candau, 2011, p. 18). Toda prática deve ser refletida com objetivos, propósitos e uma intenção cada vez mais articulada a uma educação real, situada no contexto da escola e no dos que nela habitam na busca pela realidade, pessoal e intelectual

Portanto, para isto acontecer, é necessário buscar a superação do ensino tradicional da Geografia, que consiste apenas em decorar conceitos, significa despertar para a formação de cidadãos situados em um contexto político, econômico e social que reconhecem o seu espaço e sua comunidade, tornando as aulas de Geografia interessantes.

E por pensar diferente é que as aulas são para mim aquele momento e lugar em que devemos dar o melhor de nós e despertar o que há de melhor nos outros. A aula como celebração da vida e não da morte, como diálogo criativo, como vir - a - ser e não como tendo sido sempre, como luta contra tudo aquilo que nos oprime e não como entrega ao que nos oprime (SOUZA NETO, 2008. p.19)

De acordo com o exposto, o professor não é o detentor do saber. No âmbito da sala de aula é onde o professor se realiza, se conhece, troca conhecimento e desperta a curiosidade dos alunos que o admiram, instigar a imaginação do outro promove a libertação, um momento de entrega que reage com sentimento que transfere a importância da realização tanto pessoal quanto profissional. Ao invés de tratá-los como incapazes e fornece-lhes instrumentos com as quais devem se adaptar, tratando-os como capazes de se instrumentalizar para a vida, como criadores acima de tudo e como criadores que são críticos de tudo aquilo que se apresenta como verdade incontestável.

Conforme Pimenta (2005, p.12):

As atividades que articulam as ações pedagógicas são: as interações entre os professores, os alunos e os conteúdos educativos em geral para a formação do humano; as interações que estruturam os processos de ensino e aprendizagem; as interações nas quais se atualizam os diversos saberes pedagógicos do professor e nas quais ocorrem os processos e reorganização de tais saberes.

De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é, ao mesmo tempo prática e ação.

Como levar conteúdo para alunos tão diferentes? Um dos caminhos a ser empregado, é considerar a bagagem, o saber do aluno, tendo em vista a importância de validar o que aluno já sabe, facilitando o processo ensino aprendizagem. Oliveira (1998, p. 140) sintetiza:

Este caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas sobretudo com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve

deixar de dar os conteúdos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceito e de saber.

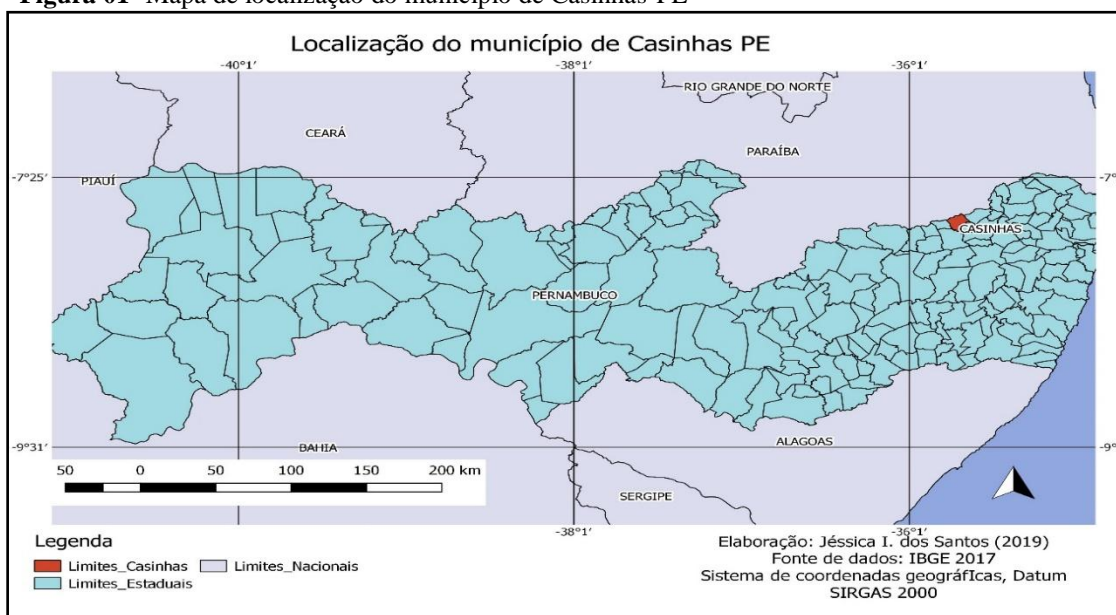
Logo, o professor tem a função de construir o saber junto com os seus alunos, possibilitando uma construção repleta de significado e os estimulando a busca pelo conhecimento geográfico.

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização do espaço da pesquisa e do público-alvo

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Luiz Ventura, localizada em Lagoa de Pedra, zona rural do município de Casinhas, Pernambuco.

Figura 01- Mapa de localização do município de Casinhas-PE



Fonte: SANTOS, J. I. dos (2019).

A escola atende alunos de diversas localidades circunvizinhas, Diogo, Junco, Areia de Chatinha, Chatinha e Lagoa de Pedra, nas modalidades de Creche, fundamental, anos iniciais e anos finais.

Com relação à infra-estrutura da unidade escolar na qual as atividades foram desenvolvidas foi possível observar a existência de alguns problemas como telhas quebradas, além de danificações no piso e nas carteiras utilizadas pelos estudantes.

No sentido de solucionar essas questões, a escola Luiz Ventura passou por uma reforma.

Figura 02- Escola Municipal Luiz Ventura



Fonte: acervo da autora (2019).

Entretanto, esta que foi realizada durante o período de aulas ocasionado intenso barulho no espaço da escola, atrapalhando as aulas e interferindo no rendimento dos alunos. Houve ocasião em que as aulas foram ministradas no pátio da escola, pois as salas estavam em reforma, tornando difícil trabalhar neste ambiente. Os problemas citados, infelizmente, fazem parte da realidade de muitas escolas brasileiras. A falta de recursos didáticos também representa como uma dificuldade para o trabalho docente.

O recinto apresenta sete salas de aula, duas delas possuindo espaço pequeno para a quantidade de alunos matriculados. Também há uma biblioteca em um espaço minúsculo, secretaria, diretoria e sala dos professores.

Diante dessas dificuldades encontradas no ambiente, a comunidade escolar busca desenvolver suas atividades da melhor maneira.

Para entender a complexidade de uma sala de aula requer uma vivência bastante ativa para aprimorar elementos que possa se fazer uma caracterização mais aguçada a respeito dos comportamentos e dinâmicas ali encontrados. O público alvo faz uma referida abordagem nas turmas 6º e 7º anos, conforme a tabela abaixo.

Tabela 01- Turmas e faixa etária dos alunos

Turma	Nº de alunos	Faixa etária
6º 'A'	27	Entre 11 e 13 anos
6º 'B',	22	Entre 11 e 14 anos
7º 'A'	26	Entre 12 e 14 anos
7º 'B'	24	Entre 11 e 15 anos

Fonte: Santos 2019

Percebi nos primeiros dias de aulas um comportamento que se refere a displicência dos alunos, pois alguns indivíduos apresentavam um grande desinteresse na aprendizagem, não conseguem reconhecer a importância de ir à escola, estavam acostumados em apenas utilizar o livro didático de Geografia, as aulas eram consideradas como ‘chatas’ para alguns.

Outro problema encontrado em sala de aula, refere-se à quantidade de alunos que não foram alfabetizados, não conseguiam ler, apenas escrever. Isso ocorre por conta da falha do sistema vigente, pois há aprovação de alunos sem uma aprendizagem adequada, a escola não quer um grande número de alunos reprovados, os educandos só podem ficar retidos por três anos. Diante disso, a missão do professor no fundamental II é ainda maior, uma vez que esses educandos chegam ao 6º ano sem serem alfabetizados. Essa educação enfraquecida contribui para uma escola descontextualizada, com dificuldades de incorporar as constantes transformações da sociedade.

Esses alunos apresentavam pouco interesse em aprender, alguns frequentava a escola para os pais receberem o bolsa família, programa que busca garantir a essas famílias o direito à alimentação e o acesso à educação e à saúde, pois um dos requisitos desse programa é a frequência na escola. Sendo assim, o caminho para o processo de ensino aprendizagem, era bem maior, sendo necessário motivá-los.

Partindo desse princípio, houve a necessidade de uma didática que ultrapassasse essas barreiras e adentrasse nas questões sociais, capazes de gerar uma cooperação dos alunos envolvidos no processo de aprendizagem.

3.2 Caminhos percorridos para o desenvolvimento das atividades

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, caracterizada como estudo de caso, com descrições de algumas experiências vivenciadas na Geografia escolar do ensino fundamental II. André sintetiza que;

O estudo de caso procura retratar a realidade de forma completa e profunda. Esse tipo de estudo pretende revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa dada situação, focalizando-a como um todo, mas sem deixar de enfatizar os detalhes, as circunstâncias específicas que favorecem uma maior apreensão desse todo (André 1984, p. 52)

Nesse sentido, o estudo de caso no âmbito da Geografia escolar é muito importante, pois possibilita analisar e investigar uma dada realidade escolar de forma profunda, visto que aborda questões relacionadas ao ensino de Geografia em um espaço específico. Para Ludke (2013, p. 17) “Quando queremos estudar algo singular, que tenham um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”.

Acerca da utilização da abordagem qualitativa por meio da fenomenologia, Goldenberg (2004, p.31) sintetiza que: “A fenomenologia quer atingir a essência dos fenômenos, ultrapassando suas aparências imediatas. O pensamento fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, onde o homem se situa com suas angústias e preocupações”. Nesse seguimento, há um envolvimento do professor-aluno no cotidiano da sala de aula, dando importância e originalidade no processo ensino aprendizagem.

Para o desenvolvimento da primeira parte, foi preciso fazer um planejamento das aulas de Geografia, uma vez que, a aula é onde se atua o ensino-aprendizagem e o plano de aula é uma ferramenta elaborada pelo docente, com enfoques que atinjam os objetivos didático. Depois realizou-se um levantamento bibliográfico e posterior revisão bibliográfica para a edificação de uma pesquisa com rigor científico validável.

Segunda etapa, a partir da experiência docente do ensino de Geografia vivenciada em sala de aula, em turmas do 6º e 7º anos do fundamental II da escola municipal Luiz Ventura.

Colocar a teoria em prática e correlacionar os problemas vivenciados, tais como, colocar prática conhecimentos adquiridos na universidade, além das dificuldades enfrentados no dia a dia de uma sala de aula.

Diante disso, busquei uma didática visando facilitar a aprendizagem do aluno, com a utilização de alguns recursos didáticos que deixassem as aulas mais atrativas para o aluno. Os recursos escolhidos foram; Mapas, são usados no cotidiano do ensino da Geografia, proporcionando ao leitor informações sobre diversos temas, e, por meio desse entendimento é possível ler o contexto de uma sociedade. Google Earth, é um programa de computador que serve para visualizar qualquer parte da superfície terrestre, suas imagens são obtidas através de satélites, recurso imprescindível no ensino da Geografia. Vídeos e filme, a importância de seus usos na Geografia escolar está na potencialidade e enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem, devido à sua ludicidade e sua forte relação com a realidade. Literatura de cordel, dá condições para trabalhar diversos conteúdos geográficos, além de estimular o aluno a valorizar sua comunidade e a cultura regional/local, pois essa literatura descreve tanto uma ficção como uma realidade, aproximando a sala de aula com o cotidiano. Maquetes, contribuem significativamente para o ensino, visto que, o emprego desse recurso desperta a curiosidade e o interesse na aula.

Portanto, o pesquisador e os pesquisados participaram do processo, ou seja, os educandos envolvidos na pesquisa, participaram com elaboração de maquetes, cordéis e mapas. Mediante as produções realizada pelos os mesmos, ratificaram significados no desenvolvimento da aprendizagem.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando a trajetória e a relevância da Geografia Escolar, o professor de Geografia tem como desafio procurar ininterruptamente novos métodos e estratégias que tornem o ensino de Geografia mais dinâmico e prazeroso, tanto para si quanto para os educandos. Tendo em vista tal premissa, serão discutidos recortes de algumas aulas ministradas por mim em turmas 6º e 7º anos da Escola Municipal Luiz Ventura.

- *Aula desenvolvidas nas turmas de 6º ano*

Inicialmente, a aula foi de natureza expositiva com a utilização de slides, partindo da explicação sobre o conceito da cartografia e seus desdobramentos ao longo do tempo, a relação entre as duas ciências a Cartografia e a Geografia e os elementos que constituem um mapa, elucidando a importância de cada elemento, pois são fundamentais para fazer uma leitura cartográfica.

Posteriormente, dividi os alunos em quatro equipes e entreguem de diferentes mapas temáticos para que realizassem leitura e interpretação das representações cartográficas. Para Passini (2007)

[...] Uma proposta para que alunos vivenciem as funções do cartógrafo e do geógrafo, transitando do nível elementar para o nível avançado, tornando-se leitores eficientes de mapas. O aluno-mapeador desenvolve habilidades necessárias ao geógrafo investigador: observação, levantamento, tratamento, análise e interpretação de dados. [...] o ensino de Geografia e o de Cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é conteúdo e a outra é a forma. Não há possibilidade de estudar o espaço sem representá-lo, assim como não podemos representar um espaço vazio de informações (p.147-149).

Por tudo isso, é importante a compreensão da linguagem cartográfica para a análise geográfica da realidade, utilizando o seu conhecimento cartográfico para localizar e se orientar no espaço, analisando os diferentes aspectos históricos e geográficos.

A figura 03 apresenta o momento de realização de análise e interpretação de mapas pelos alunos da turma do 6º ano.

Figura 03- Leitura e interpretação de mapas



Fonte: acervo da autora (2019)

Na realização da atividade, após a entrega dos mapas entre as equipes, foi solicitado que extraíssem informações contidas em cada mapa e, em seguida, apresentassem. Houve uma interação positiva em relação aos educandos, pois todos se envolveram na realização da atividade.

Em outro momento, utilizou-se em aulas de cartografia nas turmas de 6º e 7º ano, o software Google Earth. Esta aula foi de natureza expositiva, partindo da explicação sobre a importância das novas tecnologias no desenvolvimento de registros cartográficos que regem a precisão real de localização de um dado elemento sobre a superfície terrestre.

Em um segundo momento, foi apresentado um passeio gravado no software Google Earth, tendo como local de partida a escola, e o destino final, a cidade de Casinhas-PE.

Figura 04-Aula de cartografia com a utilização de imagens de satélites.



Fonte: acervo da autora (2019).

No sentido de inseri-los na aula de forma mais concreta, foram utilizadas imagens de satélites retiradas das comunidades residentes dos alunos, dessa forma estabelecendo familiaridade com os espaços e os estimulando à participação durante a aula.

Foi visível o maior interesse dos educandos diante as abordagens propostas, todos participaram da aula de forma proveitosa, observando suas residências, lugares que costumam frequentar. Este foi um momento de significativo aprendizado, tendo em vista que, através do recurso usado, que foi possível minimizar a abstração atribuída à disciplina. Por intermédio de um processo de interpretação e reinterpretação da paisagem, possibilitou-se que os alunos se perceberem nos estudos propostos como agentes integrantes do espaço geográfico. De acordo com Abreu & Castrogiovanni (2010, p. 02)

No ensino da Geografia, a Cartografia tornou-se importante na educação contemporânea, tanto para o aluno entender às necessidades do seu cotidiano, quanto para estudar o ambiente em que vive. Aprendendo as características físicas, bióticas, econômicas, sociais e humanas do ambiente, ele pode entender as transformações causadas pela ação do sujeito e dos fenômenos naturais ao longo do tempo.

Nesse sentido, o ensino de cartografia produz elementos para uma reorganização do saber, despertando nos alunos um pensamento crítico sobre o espaço em que estão situados, tentando transgredir a dualidade entre o ensino cartográfico teórico e o cotidiano do aluno.

Portanto, essa associação é pautada no conhecimento empírico do aluno, lhe atribuindo importância em sala de aula, despertando prazer e libertação do modo tradicional. Corroborando com esse pensamento, Moran (2007) nos mostra que:

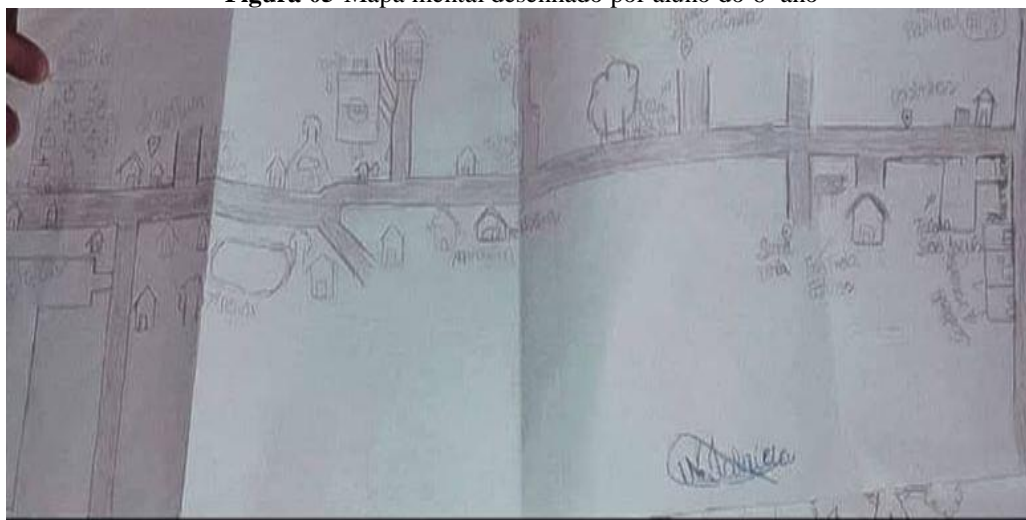
[...] Muito do que os alunos estudam está solto, desligado da realidade deles, de suas expectativas e necessidades. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, quando é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma ou em algum momento (p.23).

Dessa forma, depreende-se que a construção do conhecimento não cabe apenas ao professor, os conteúdos devem expressar sentidos e razões para o aluno, sendo de grande valor sua participação quanto protagonistas das aulas, do encaminhar daquele ambiente

composto por dois atores principais, o professor enquanto dirigente da história, e os alunos, como atores principais.

Dando sequência aos trabalhos na disciplina, foi proposta a realização de oficinas para a confecção de mapas mentais. Nesse momento foi solicitado aos alunos que elaborassem um esquema mental da trajetória percorrida por eles no trajeto casa-escola, elencando pontos de referência como norteadores que permitem chegar ao destino final.

Figura 05-Mapa mental desenhado por aluno do 6º ano



Fonte: acervo da autora, 2019

Deste modo, observou-se as concepções que os alunos têm do espaço e as noções que possuem de proporção.

Utilizando maquete

Inicialmente realizou-se uma explicação sobre a origem no universo e do sistema solar, pois para o ensino de Geografia é fundamental compreender como surgiu e "funciona" o nosso planeta e o sistema solar, constituído pelo Sol e inúmeros astros que giram ao seu redor. Para Pontuschka:

A Geografia como disciplina escolar oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação (PONTUSCHKA et al., 2009, p.38)

Nessa aula, utilizou-se como recursos metodológicos, vídeos de animações e slides a respeito do sistema solar, data show e lousa.

Em segundo momento, uma divisão dos indivíduos em equipes para a elaboração de maquetes do sistema solar, Atividade proposta nos 6º anos 'A' e 'B'.

Figura 06- Turma do 6º ano



Fonte: acervo da autora (2019)

A utilização de maquetes em sala de aula desperta a criatividade e o interesse. Porém, no 6º ano ‘B’, houve alguns acontecimentos indesejados, alguns indivíduos apresentam dificuldades em trabalhar em equipes.

Segundo MORALES (1999. p. 149) alunos se relacionam entre si na classe de diversas maneiras, tem alunos que apresentam dificuldade de se integrar em um grupo. Foi o que aconteceu, no 6º ano ‘A’ deu certo, já no 6º ano ‘B’ acometeu de forma diferente.

A elaboração da maquete não foi realizada do ambiente escolar e sim em casa, pois neste período a turma fazia parte de um projeto de leitura, a gestão da escola juntamente com a professora de língua portuguesa solicitou a utilização de algumas aulas de Geografia para ensaios, houve falta de planejamento da escola. Dificultando bastante a realização da atividade proposta, teve semana que não houve aula de Geografia em virtude desse projeto de língua portuguesa. Diferentemente, o 6º ano ‘A’, não estava no projeto de língua portuguesa, todas as equipes cooperaram e fizeram as maquetes, já no 6º ‘B’, apenas 2 equipes elaboram.

Em outra aula, houve as apresentações das maquetes onde os indivíduos explicaram cada componente do sistema solar, momento de grande valia para o ensino de Geografia.

Figura 07- Maquete do Sistema Solar



Fonte: acervo da autora (2019)

Segundo Cavalcanti (2002, p. 11), “Particularmente, a Geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros, questionando métodos convencionais, postulando novos métodos”. Diante disso, o uso de maquetes na Geografia escolar demanda um novo método, visando um aprendizado dinâmico e prazeroso, rompendo com métodos tradicionais.

Sendo assim, BRITO apud SILVA e MUNIS (2012, p 67): “incentivar o aluno a produzir maquetes permite uma participação maior deste processo de aprendizagem”. A partir dessa possibilidade, o educador pode conduzir o educando a aprendizdos significativos, visto que o aluno participa de todo o processo de criação.

O emprego dos recursos didáticos citados anteriormente, é grande valia no ensino de Geografia, funcionam como facilitadores no processo ensino aprendizagem, motivando o aluno a ter interesse pelos conteúdos proposto na grade curricular de Geografia.

Assim sendo, alguns alunos que no início evidenciaram não gostar das aulas de Geografia, era tida como chatas, passaram a gostar e participar ativamente. Principalmente, por trabalhar esses recursos relacionados ao seu espaço de vivência e, potencializando seu enriquecendo para ter uma visão geográfica concreta da sociedade.

- *Aulas desenvolvidas em turmas de 7º ano*

Os recursos tecnológicos podem ser utilizados durante as aulas, apresentando bons resultados, isso tendo em vista a grande facilidade que crianças e adolescentes possuem no acesso a esses meios.

Os vídeos em sala de aula representam ótimas ferramentas na educação, visto que agregam conhecimentos sobre diferentes temas. Para Barbosa (2012, p.112), “O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação crítica a respeito da sociedade em que vivemos”. Quando esses instrumentos são utilizados, fazem com que o aluno crie uma opinião sobre determinado tema.

Nos 7º anos, o conteúdo da aula era região Norte, escolhi o filme “Tainá: uma aventura na Amazônia” para ser trabalhado em minhas turmas. A partir do filme, pedi que os educandos fizessem uma análise geográfica, pois este filme teve como cenários os belos

recantos do Rio Negro, com os igarapés entremeados de plantas aquáticas, as vilas e povoados ribeirinhos, a mata com sua vegetação exuberante.

Essa leitura geográfica com uso de filme é relevante para aprendizagem do indivíduo, uma vez que traz questões culturais, econômicas e ecológicas, tornam este filme significativo para a discussão no ensino de Geografia. Além de permitir uma análise da questão indígena no Brasil, apresenta a vida na floresta e os perigos que a ameaçam, mostra o problema da extinção de espécies e contrabando dos animais da floresta.

Dando continuidade ao estudo das regiões, para a abordagem sobre a região Nordeste utilizei cordel. A escolha foi pelo fato de este recurso fazer parte da cultura dos alunos, que são nordestinos. Sobre este recurso Sousa (2014, p.11) afirma que, “A utilização da literatura de cordel traz entusiasmo às turmas, é necessário fornecer um suporte teórico acerca da Literatura de Cordel, possibilitando um contato prazeroso com a leitura e literatura de forma mais lúdica no espaço escolar”.

Isto posto, trabalhar literatura de cordel no ensino de Geografia, é de grande valia em virtude da riqueza que esses folhetos trazem sobre a sociedade o espaço geográfico. Essa literatura trata dos costumes locais, fortalecendo as identidades regionais; ou seja, explorara as questões sociais, assunto que, por muitas vezes, faz parte do cotidiano do aluno. Neste sentido, Menezes (2015) afirma;

Ao tratar das vivências mais autênticas do povo, a literatura de cordel reafirma os valores da cultura nordestina, e do ponto de vista da Geografia nos permite perceber a materialidade de um espaço rico de significados e um campo fecundo para a reflexão e ensino desta disciplina (p. 247)

Assim, compreende-se que, por fazer parte da sua vivência, o uso dos cordéis é capaz de facilitar no processo de aprendizagem de muitos conteúdos da Geografia, pois este tipo de literatura trabalha poesia, musicalidade, humor, é algo que deixa a aula mais interessante.

A atividade foi vivenciada com o conteúdo a região Nordeste. Inicialmente, a aula partiu de explicações sobre migração nordestina no Brasil, seguido de uma leitura de cordel “Saudades do meu Sertão” de Izaías Gomes de Assis.

A participação aconteceu alternadamente entre os alunos, que foram orientados a ficar atentos para não se perderem na dinâmica proposta para a leitura. Abaixo, trechos usados durante a aula:

Estou eu aqui distante
Nesta cidade perdida
Da minha terra querida
Do Sertão que eu sou amante
Daquele sol escaldante
Que castiga e racha o chão
Lá deixei meu coração
Quando menino eu parti
Pois foi lá onde eu nasci
Sou de lá, sou do Sertão.
[...]
[...]
Se passaram tantos anos
Que moro nesse subúrbio
Sempre adiando meus planos
De volta lá pro meus manos
Pois a grana não dá, não,
Ah! Quanta decepção
Nesta terra de ninguém

Como posso querer bem
 Se sou filho do Sertão?
 Lá tinha muita alegria
 Nos anos da safra boa
 Se via em qualquer pessoa
 Bela face e simpatia
 Quer noite, quer dia,
 No inverno ou no verão
 Aqui? Isso não tem, não,
 Não dá nem pra comparar
 Com o meu belo lugar
 Que deixei lá no Sertão.
 E quando vejo a notícia
 Que está chovendo forte
 Lá pras banda do meu Norte
 Digo: Deus ó que delícia.
 Nesta vida fictícia
 Eu estou numa prisão
 Bate forte o coração
 Dessa cabra pé de serra
 De está cortando a terra
 Lá nas várzeas do Sertão.
 [...]

(Izaías Gomes de Assis, 2009)

Após a leitura, continuação da aula, mediante explanações sobre a importância do cordel na cultura nordestina, destacando suas características, e, orientação para retirar informações geográficas contidas no cordel, tais como, as sub-regiões, os aspectos climáticos e processo de migração. Posteriormente, expliquei os elementos constituintes de um cordel.

O destaque da atividade ficou por conta da confecção de um cordel pelos próprios alunos. A temática proposta, a migração nordestina, eles se dividiram em equipes para produzir suas escritas e em seguida socializaram as produções. Para Sousa (2014, p. 22);

Para a eficiência de um sistema educacional que atinja todos os sujeitos, de diferentes classes sociais, o educador deve tomar como ponto de partida o auxílio nos costumes da região onde exerce suas atividades, pois o folheto popular pode e deve ser considerado magnífico elemento para o desabrochar da leitura no leitor. [...]

Diante desse ponto de vista, a leitura e criação de cordel no ensino de Geografia, possibilita que o aluno consiga produzir seu conhecimento geográfico, a partir das relações rotineiras, ocasionando expectativas e deduções no desenrolar da história.

Concluindo as atividades tivemos o momento de socialização das produções de cordéis em sala de aula. Os alunos se envolveram com a atividade mostrando empenho e participação em todos os momentos, fazendo com que o aprendizado se tornasse mais significativo para eles e que eles se sentissem valorizados no processo ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES

A Geografia deve ocupar lugar de destaque entre as disciplinas escolares, fato que nem sempre ocorre, tendo em vista suas características históricas de um conhecimento mnemônico, abstrato e sem grande significado. Esse tipo de pensamento nos remete a uma Geografia tradicional, que não valoriza o conhecimento do aluno nem, tão pouco, sua formação para a autonomia.

A partir das reflexões realizadas podemos identificar um movimento de busca pela desmistificação dessa disciplina. A busca constante por novos caminhos para discutir os conteúdos deve ser uma constante da ação docente.

Apesar das novas propostas, tendo em vista a experiência vivida, pode-se depreender que a Geografia escolar do 6º ao 9º ano ainda se encontra sob os moldes tradicional nas salas de aula. Sabemos que alguns professores restringem-se a expor sem abordar o conhecimento empírico do aluno. Diante disso, é necessário que a Geografia adquira uma postura significativa dentro da Educação Básica.

Na atualidade, é solicitado que o professor seja inovador, para tanto é imprescindível que utilize estratégias viáveis, visando aulas mais dinâmicas, com o uso de distintos recursos e não apenas o livro de Geografia, uma vez que os conteúdos devem ser bastante explorados partindo do dia a dia dos alunos, temas presentes na vida de todo mundo.

Não há uma fórmula pronta, o que deve ser priorizado em um momento inicial é a observação da turma em que se lecionará para, assim, poder preparar métodos adequados e que compreendam o aluno havendo uma melhor absorção dos conteúdos trabalhados.

A escola em pesquisa, os alunos do 6º ano, exibiram grande defasagem do ensino de Geografia, com pouca bagagem, apenas algumas orientações básicas sobre as rosas dos ventos e nomes de algumas capitais de estados brasileiros.

Em relação aos recursos didáticos utilizados nas aulas ministradas, sabemos que não é possível usá-los em todas as aulas, mas é muito importante sua utilização, dado que, prendem a atenção dos educandos, que ficam mais motivados a aprender. O uso das mídias e a criação de maquetes na esfera escolar impede a dicotomia entre os saberes, conduzindo a prática de inclusão social dos discentes.

Já a literatura de cordel, num ponto de vista de uso como recurso didático, tem muito a contribuir com o ensino de Geografia, possibilitando uma leitura crítica da sociedade de forma autêntica e descontraída, além de proporcionar uma compreensão dos conteúdos programáticos imprescindíveis à formação de cidadãos.

Quando relaciona o saber científico com a vida cotidiana do aluno, juntamente com uma boa relação professor-aluno, dá sentido ao ensino de Geografia, e, motiva o aluno a aprender sobre o espaço onde está inserido socialmente, como atores sociais participativos na construção do ensino-aprendizagem.

Nesse caso, é necessário estratégias e metodologias didáticas que obtenham um ensino de Geografia mais significativo e prazeroso. Diante disso, a sala de aula se transforma em um espaço de diálogo e conhecimento vivido a partir do cotidiano.

Portanto, é responsabilidade do professor associar o conteúdo geográfico à realidade do aluno, pois, como profissionais da Geografia, temos a compreensão da importância da disciplina escolar, de forma que se desconstruam muitas ideias negativas que colaboraram, historicamente, para distorcer o papel do ensino de Geografia nas escolas e cumprir a função social da Geografia escolar, que é formar cidadãos críticos.

6. REFERÊNCIAS

- ABREU, P. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. **A Cartografia Escolar e a Cartografia Lar**. Recife, III SIMGEO, 2010.
- ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso: seu potencial na educação**. Cadernos de pesquisas: n 49 1984. 51-54
- BARBOSA, J. Geografia e Cinema: Em Busca de Aproximações e do Inesperado. In: CARLOS, A. F. A. et.al. **A Geografia na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.109-133. Capítulo 8.
- BRITO, D. G.; MELO, J. A. B. Trabalhando a problemática ambiental urbana nas aulas de geografia: experiência com vídeos e maquetes em escola pública de Campina Grande/PB. Revistaedudeo 2018. et al. SILVA, V.; MUNIZ, A. M. V. **A Geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia**. In: GEOSABERES, Fortaleza, v.3, n.5, p.62-68, jan./jun .2012. Disponível em <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/117/pdf50>> Acesso em 21 abr.2017.
- CANDAU, V. M. **Rumo a uma nova didática**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CALLAI, H. C. **A Formação do profissional da Geografia**. Unijuí: Rio Grande do Sul, 1999.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, L. S. Concepções teóricas e elementos da prática de ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, L. S. et.al. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2007.
- MENEZES, W. A.; CHIAPETT; R. J. N. O Ensino de Geografia na Contemporaneidade: o uso da literatura de cordel: In REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA – RBEG. Campinas, v. 5, n. 10, p. 235-257, 2015. Disponível em <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/267>. Acesso em maio 2019.

OLIVEIRA, A. U. de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: **Para onde vai o ensino de Geografia?** 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 135-144.

PASSINI, E. Y. Alfabetização cartográfica. In: PASSINI, R.; MALYSZ, S.T. et.al. **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto. 2007, p. 143-155.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções:** Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Estudo do Meio: Momentos significativos de apreensão do real. In: PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. et.al. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo. 2005.

SACRAMENTO, A. C. R. **Didática e Educação Geográfica algumas notas.** UNI Pluri/Versidad, vol.10, n.3, Versin Digital.

SOUSA, M. R. **O Cordel na Sala de Aula: A ressignificação de Ensino de Língua Portuguesa.** 50p. Monografia. Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares - Universidade Estadual da Paraíba. Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

SOUSA NETO, M. F. **Aula de Geografia.** 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas: SP, 2001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela presença constante em minha vida.

A professora Nathália R. Moraes pelas valiosas contribuições dadas durante todo processo.

À UEPB e aos seus docentes que nos incentivaram.

Agradeço as professoras Josandra e Marta, por aceitar fazer parte da banca examinadora

Aos educandos dos 6º e 7º anos da Escola Municipal Luiz Ventura

Aos meus pais, Maria Valdenice e Cosmo, meus irmãos, Leandro, Maria dos Anjos, José Adenilson e Leonardo pela paciência e apoio.

A Minha Madrinha Inacia Maria

Meus amigos, Dione Oliveira, Aline Tenório, Rafael Almeida, Josicleide Maria e Cristine pelo incentivo e apoio.